



REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES DE GÊNERO: “SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL

REPRESENTATIONS AND GENDER IDENTITY: “WOMAN BE” ON SOCCER FIELD

REPRESENTACIÓN Y IDENTIDAD DE GÉNERO: “MUJER ESTAR” EN CAMPO DE FÚTBOL

Valleria Araujo de Oliveira
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil
Email: valleria.a.oliveira@gmail.com

Dulce Maria Filgueira de Almeida
Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil
Email: dulce.filgueira@gmail.com

RESUMO

O artigo trata das identidades de gênero de mulheres jogadoras de futebol, considerando suas vivências e convivências (sociabilidade) no tempo de lazer na cidade de Goiânia, Goiás/Brasil. Tem como objetivo entender a relação sentido-significado das identificações construídas pelas jogadoras de futebol, tendo em conta o “eu” ou o “si mesmo” e o olhar do outro. A pesquisa de orientação etnográfica, utilizou como procedimentos a observação participante e a entrevista, com roteiro flexível. O suporte teórico foi construído com base em autores como Scott (1989), Woodward (2000), Hall (2011), Grossi (1998), Alcântara Júnior (2005), Miguel e Rial (2012), Bracht (1997) e Marcassa (2003). Conclui-se que o preconceito com relação à identidade de gênero das jogadoras corresponde ao padrão heterocisnormativo e é reforçado pelas suas próprias representações e falas.

Palavras-chave: Futebol; Mulheres; Identidades; Gênero.

ABSTRACT

The article deals with the gender identities of women soccer players, considering their experiences and coexistence (sociability) in leisure time in the city of Goiânia, Goiás / Brazil. It aims to understand the meaning-meaning relationship of the identifications built by soccer players, taking into account the "I" or the "self" and the look of the other. The research of ethnographic orientation, used as procedures the participant observation and the interview, with flexible itinerary. The theoretical support was based on authors such as Scott (1989), Woodward (2000), Hall (2011), Grossi (1998), Alcântara Júnior (2005), Miguel e Rial (2012), Bracht (1997) and Marcassa 2003). It is concluded that the prejudice regarding the gender identity of the players corresponds to the heterocisnormative pattern and is reinforced by their own representations and speeches.

Keywords: Soccer; Women; Identity; Gender.

RESUMEN

El artículo trata de las identidades de género de mujeres jugadoras de fútbol, considerando sus vivencias y convivencias (sociabilidad) en el tiempo de ocio en la ciudad de Goiânia, Goiás / Brasil. Tiene como objetivo entender la relación sentido-significado de las identificaciones construidas por las jugadoras de fútbol, teniendo en cuenta el "yo" o el "sí mismo" y la mirada del otro. La investigación de orientación etnográfica, utilizó como procedimientos la observación participante y la entrevista, con guión flexible. El soporte teórico



fue construido sobre la base de autores como Scott (1989), Woodward (2000), Hall (2011), Grossi (1998), Alcántara Júnior (2005), Miguel y Rial (2012), Bracht (1997) y Marcassa (1997) 2003). Se concluye que el prejuicio con relación a la identidad de género de las jugadoras corresponde al patrón heterocisnormativo y es reforzado por sus propias representaciones y discursos.

Palabras clave: Fútbol; Mujeres; Identidad; Género.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte de um trabalho de dissertação de mestrado em Antropologia Social, devidamente submetido e aprovado pelo comitê de ética, cujo trata das identidades de gênero de mulheres jogadoras de futebol, considerando suas vivências e convivências (sociabilidade) no tempo de lazer na cidade de Goiânia, Goiás/Brasil. Tem como objetivo entender a relação sentido-significado das identificações construídas pelas jogadoras de futebol, aqui identificadas por pseudônimos, tendo em conta o “eu” ou o “si mesmo” e o olhar do outro.

Na contemporaneidade, evidenciamos que ao abordar a temática mulheres no esporte, a mídia, aqui entendida como indústria cultural (BAPTISTA, 2010), “naturaliza” o que é “norma” e vincula à construção social do “ser mulher” ao “ser feminina”. Desse modo, atributos relacionados à vaidade pessoal e à feminilidade são sempre lembrados para as esportistas. Vigora a máxima de que uma mulher pode praticar esportes, mas não pode deixar de “ser feminina”. Ser delicada, frágil, usar roupas que delineiam o corpo, ser uma boa esposa e uma boa mãe são algumas das características destinadas às mulheres como “mulheres de verdade”, isto é, para “ser mulher” é também preciso “ser feminina”. Em contrapartida, ser viril, forte, destemido, pai de família, responsável pelo sustento da casa são características destinadas aos homens e apresentadas como sinônimo de masculinidade.

Se fizermos um apanhado histórico das relações homem/mulher dentro do esporte, será possível perceber disparidades das modalidades esportivas influenciadas pelas construções socioculturais que designam os homens como sujeitos fortes e viris, e as mulheres como frágeis e docéis. Modalidades que não exigem muito

contato e impacto entre os/as praticantes, como a dança, voleibol, patinação e ginástica rítmica, dentro da sociedade brasileira, são consideradas pelo senso comum como práticas corporais femininas. Já o futebol, as lutas, o *rugby*, dentre outras modalidades esportivas que exigem contato e uso demorado da força, são consideradas masculinas.

As regras das modalidades esportivas de alto rendimento, aqui compreendidos como esporte espetáculo ou de competição, que busca o recorde e atende a um processo de racionalização (BRACHT, 1997), atrelados ao processo de construção do corpo na modernidade, dividem homens e mulheres nessas práticas, que são intituladas como masculinas e femininas, respectivamente. Entretanto, no esporte praticado como lazer, não há uma normatização dessa divisão, mas, pressupomos que pode haver uma herança sociocultural que reforça e reproduz marcadores sociais de gênero. Destacamos que se entende gênero como uma construção social (SCOTT, 1989, p. 2), concordando-se que a categoria gênero é identificada “como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”. Isto é, uma construção social que designa papéis socialmente esperados para homens e mulheres.

Além de Scott (1989), o aporte teórico deste artigo se constrói com fundamento em Woodward (2000), para discutir subjetividades; Hall (2011), que nos apoiará nas questões concernentes à identidade / identificação; Grossi (1998) no que diz respeito à identidade de gênero; Alcántara Júnior (2005), quando trata da sociabilidade; Miguel e Rial (2012) que discutem a questão de gênero no futebol e, Marcassa (2003), ao tratar do lazer.

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi construída com orientação etnográfica e teve como locus um campo de futebol da cidade de Goiânia, Goiás, Brasil. O procedimento



metodológico seguido foi a observação participante, com registros em diário de campo e a entrevista, que seguiu um roteiro flexível e foi tratada de modo complementar à observação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – JOGADORA ANTROPÓLOGA OU ANTROPÓLOGA JOGADORA?

Esta pesquisa caracteriza-se como etnográfica, e para tanto utilizou-se como procedimentos a observação participante, com registros em diário de campo e entrevista, com roteiro flexível. O lócus da pesquisa consistiu no campo de futebol *Brazil Escola de Futebol* da cidade de Goiânia, Goiás, espaço destinado à iniciação esportiva e aluguel para fins de lazer ou campeonatos. Tratava-se de um local em que um grupo de mulheres da cidade praticavam o futebol como uma atividade de lazer, semanalmente, nas quintas-feiras às 22h30.

As entrevistas foram realizadas com 4 frequentadores (as), grupo que se constituiu por pessoas que estavam presentes no *Brazil Escola de Futebol* durante o jogo, sendo uma delas apenas expectadora. E as jogadoras, que totalizavam 10 participantes, com idade entre 19 e 37 anos, a saber: Amanda, Regina, Fabiana, Diana, Vanessa, Luana, Elen, Lorena, Bianca e Luiza. As entrevistas ocorreram individualmente, de modo que o roteiro se diferiu para as jogadoras e os (as) frequentadores (as), cujo objetivo era identificar como as mulheres se percebiam e era percebidas, respectivamente.

Como uma das autoras do texto era integrante do grupo de jogadoras de futebol, alguns elementos que se colocam entre o estranhamento antropológico e a aproximação foram evidenciadas. Com efeito, consideramos as palavras de Oliveira (1988), no que concerne à importância da relação entre o “estar lá e estar aqui”. Isto é, um “estar lá” no campo de pesquisa com um olhar e ouvir disciplinado, intencional e direcionado pela teoria, e um “estar aqui” no processo da escrita, trabalho de significação e interpretação.

Como parte do estranhamento, durante a observação participante, atentou-se para

situações em campo que antes eram percebidas como “corriqueiras”, “engraçadas” e passaram a ser estranhadas.

Chegando ao lugar onde me encontro com o grupo, espero dar o horário e a quantidade de pessoas suficiente para me certificar que haverá jogo e só assim coloco a minha chuteira e o meu meião. Sempre fiz assim, não costumo andar na rua vestida com acessórios utilizados durante o jogo de futebol. Motivo? Talvez seja a reprodução de um padrão feminino do qual eu compartilho e que eu chamaria de “ vaidade” (OLIVEIRA, 2013, p. 29).

Assim, ocorreram os procedimentos de pesquisa por meio da observação participante, ou “participação observante” (WACQUANT, 2000), onde se viu, ouviu-se, viveu-se e sentiu-se entre os (as) sujeitos(as) da pesquisa (jogadoras) e no universo pesquisado. Esses elementos metodológicos são explicitados com maiores detalhes no capítulo da dissertação, intitulado como “jogadora antropóloga ou antropóloga jogadora?”, cujo objetivo foi relatar a vivência como jogadora e pesquisadora, tratando assim o processo de chegada em campo, preparação e vestimenta, jogo propriamente dito até os momentos de sociabilidade pós-jogo – “*Espero a semana toda pela quinta-feira. Acredito que seja um dos melhores dias da semana*” (OLIVEIRA, 2013, p. 28).

As informações obtidas foram registradas em diário de campo e posteriormente interpretadas com o cotejamento das transcrições das entrevistas realizadas e o referencial teórico de suporte do trabalho.

“SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL: PERCEPÇÕES EM FOCO

Aproximação com o campo e com as participantes dessa pesquisa deu-se pelo fato de uma das autoras fazer parte do grupo de mulheres que jogam futebol. Na prática de lazer, compreendida como uma atividade praticada no tempo livre (MARCASSA, 2003), inquietava o fato de que havia quando uma das jogadoras de nosso time ou do time adversário fazia uma boa



jogada ou marcava um gol, era sempre comparada com a habilidade de jogar dos homens. Esse estranhamento nos fez refletir acerca do que se apresentava nas entrelinhas das “falas” durante a partida de futebol. Seguramente, esse foi o ponto de partida para buscar, com apoio da teoria, e orientada pela pesquisa etnográfica, elementos conceituais que buscassem interpretar as práticas de homens e mulheres no campo de futebol.

Para dar andamento à pesquisa, com a observação participante, participamos de jogos durante o período de fevereiro a junho do ano de 2013 no campo de futebol *Brazil Escola de Futebol* da cidade de Goiânia, Goiás. As idas ao campo coincidiam com as práticas de lazer, o que favoreceu o processo de desenvolvimento da pesquisa, apesar de trazer dificuldades com relação à necessidade de distanciamento do ponto de vista pessoal para a perspectiva como pesquisadora, que esperamos aqui superar.

Dentre os relatos/ falas das participantes da pesquisa, destacamos a visão estereotipada que muitas vezes são submetidas as jogadoras. Disse-nos a Entrevistada Fabiana a seguir:

todo mundo acha que mulher que joga futebol é sapatão, masculina. As pessoas olham a gente de olho torto, olha de cima em baixo, tem bastante preconceito. Até entre a gente mesmo tem umas brincadeiras, comentários (Entrevista Fabiana, 2013).

Essa necessidade de marcar o sujeito pertencente a um grupo, no caso das interlocutoras, se faz presente a todo momento por meio das relações jocosas, classificadas por Gastaldo (2010) como brincadeiras permitidas. Conquanto, nos surpreendeu o fato de que essas brincadeiras permitidas faziam parte do próprio universo das jogadoras, como se evidencia nas notas de campo:

Nas relações jocosas, isto é, momentos permitidos de brincadeiras, bem como durante os jogos, as jogadoras se autorreferenciavam ou referenciavam suas colegas de jogo como: Periguetes - uso demasiado da sensualidade, maquiagem, roupas e acessórios que exalam feminilidade, o qual é dita com um caráter pejorativo para definir quem

faz uso do vestuário e do modo de agir para a sedução; Mulherzinhas: vinculada a uma extrema feminilidade, à delicadeza e fragilidade e sapatão: mulheres masculinas que usavam roupas largas, boné, andado sem rebolado e comportamento mais agressivo – as significações das autorreferências foram descritas pelas jogadoras (Notas de campo, 2013).

Isso nos sugere que a jocosidade perpassava as questões de gênero, suscitando uma autoclassificação dentro do grupo social (participantes da pesquisa), no entanto, o que se constata é o reforço de padrões normativos ou melhor dizendo heterocisnormativos que se coadunavam em meio aos juízos emitidos e as classificações referenciadas segundo os padrões midiáticos. Desse modo, as interlocutoras da pesquisa classificaram suas identificações de gênero de acordo com o vestuário, acessórios, maneira de andar e agir, evidenciada tanto em campo, quanto durante as entrevistas, sem muitas vezes de darem conta do teor de suas falas ou comentários, parecendo algo que estava enclausurado em um padrão cultural definido.

Apontada como uma atividade que exige força, contato e destreza, na sociedade brasileira, durante muitos anos, o futebol foi e posso dizer que pelo senso comum ainda é considerado um esporte masculinizado e para homens. Embora isso tenha se modificado no Brasil, a participação dessas mulheres no futebol foi contada durante muitos anos a partir de perspectivas e de estereótipos de gênero, que as apontavam como pertencentes daquele lugar apenas como espectadoras.

Junto aos movimentos sociais que lutam pela igualdade de condições e participação ativa das mulheres na sociedade, estudos voltados para a construção sóciohistórica nos ajudam a compreender como se deu o processo da repressão e emancipação das mulheres. De modo que, sobre o esporte praticado por elas, Deive registra que, “em 1972, o esporte feminino ingressou na pauta de estudos da sociologia do esporte nos Estados Unidos, que no início focalizou questões psicológicas, como o conflito de papéis entre ser mulher e atleta” (2005, p. 23). Segundo o autor, os estudos sobre o esporte



praticado por mulheres, a partir da análise feminista do esporte, desenvolveram-se por meio de seis princípios:

o esporte é uma instituição patriarcal; perpassa pela ideologia patriarcal; há um viés liberal no estudo das mulheres no esporte; as mulheres não são homens; a sociologia do esporte é sexista; e se as mulheres mudam, os homens e o esporte não precisam mudar (DEVIDE, 2005, p. 24).

Esses princípios retratam o esporte como instrumento de restrição e de coerção em que as regras e o acesso são regidos por uma perspectiva que parte da hegemonia masculina – regras sexistas que consideram raça, classe e idade como fatores determinantes. De modo geral, as análises feministas do esporte trazem o quanto alguns estudos sobre esportes praticados por mulheres ainda são direcionados aos grupos dominantes, patriarcais, que tentam inferiorizá-las em relação aos homens. Desse modo, é possível inferir que as brincadeiras permitidas e a jocosidade, que é parte do próprio horizonte semântico das jogadoras, constitui-se como uma peça de uma engrenagem maior, ou seja, de um contexto que atende ao modelo ou padrão cultural definido conforme raça, classe, idade e, obviamente, o gênero.

Então, se grande parte dos esportes e suas regras foi construída para os homens dentro da perspectiva da hegemonia masculina – viril e de força exacerbada, e as mulheres, em sua maioria, foram criadas para agirem com leveza e delicadeza, a sociedade sofre de uma grande contradição. Isso porque, ao inferiorizar as mulheres comparando-as aos homens em seu desempenho esportivo (recordes, força, habilidade), ela cobra dessas mulheres iguais resultados para que sejam consideradas apropriadas à prática do esporte. Contudo, a sociedade julga e caracteriza como anormais aquelas que se aproximam de tal desempenho. Para Devides (2005), essa inferiorização parte do padrão esportivo masculino como norma em que as mulheres são consideradas “esportistas de segunda classe”, pois, conforme essa norma, elas nunca serão superiores aos homens.

Uma das participantes da pesquisa – Regina relata que já sofreu preconceito por jogar futebol, mas afirma que, “no seu dia a dia, se ninguém sabe que é jogadora, não há preconceito, pois seu vestuário e modo de agir correspondem às expectativas sociais de uma mulher feminina” (Notas de Campo, 2013). Dessa maneira, a percepção da jogadora contribui para demonstrar que o preconceito se estabelece à medida que há fuga do padrão heterocisnormativo, de modo que essa percepção se faz especialmente direcionada às suas indumentárias, como é registrado também por Amanda, quando afirma:

Você pode até ser homossexual, mas não pode parecer uma [...] às vezes tenho vontade de me vestir mais à vontade, roupas largas, mas tive que me conter e aprender a vestir mais feminina. Tem que ser mais mulézinha, ainda mais depois que você vira lésbica (Entrevista Amanda, 2013).

Quando se joga futebol com alguns grupos de mulheres, sempre presencia-se a relação entre o “ser feminina” ou “ser masculina” durante a partida e nos vestiários, assim como a maneira e os modos com os quais as jogadoras se autorreferenciam, e como os homens ou mulheres que frequentam esses espaços observam e comentam sobre essas mulheres. Os (as) interlocutores relacionaram as identificações de gênero às indumentárias, à orientação sexual, à maneira de andar e agir, assim como à estrutura muscular das jogadoras, de modo que os comentários estavam direcionados de maneira preconceituosa e machista, ou através das relações jocosas entre as jogadoras e autorreferências ligadas aos “dois grandes modelos de identidade de gênero” (GROSSI, 1998, p. 12) – masculino e feminino.

A esse respeito, vale observar que o futebol praticado por mulheres foi proibido no Brasil entre os anos de 1940 a 1970, sendo a arquibancada o único lugar permitido a elas. Durante a pesquisa de campo foi possível perceber resquícios desses 30 anos de proibição somados a séculos da “dominação masculina”. Nesse local, o único grupo de mulheres que pratica o futebol é o das interlocutoras da pesquisa, de modo que a presença de outras mulheres neste espaço se restringe apenas à



“arquibancada” e a funcionárias, como nos diz o entrevistado: “*Vocês são as únicas mulheres que jogam aqui (as únicas?) Sim, nunca apareceu mais nenhum outro grupo procurando quadra pra alugar*” (Entrevista Fábio, 2013).

No *Brazil Escola de Futebol*, para além dos episódios de autoreferenciamento contruído pelas próprias jogadoras entre si, a relação com os frequentadores – que eram meros expectatores – e eram convidados a jogar no time das mulheres quando uma das jogadoras faltava, era contraditória, mas no geral correspondia à perspectiva de considerar a mulher como mais frágil, sobrepujando um sentido de proteção do homem para com as jogadoras.

Quando não há um quantitativo de mulheres o suficiente para completar dois times, geralmente convidamos de dois a quatro frequentadores para jogar conosco. Mas quando acontece de comparecer apenas a quantidade referente a um time de jogadoras, realizamos um jogo de “mulheres x homens”. Independentemente de ser um jogo de times mistos (homens e mulheres no mesmo time) ou não, os frequentadores jogam mais comedido na hora de tomar a bola e nos chutes a gol, se comparado ao jogo entre homens (Notas de campo, 2013).

Motivo? Durante os jogos, sempre há comentários relacionados ao cuidado para não machucar e não agredir as mulheres, seja por parte dos frequentadores: “*cara, vai mais devagar aí. Vai acabar machucando as meninas*” (Entrevista Fábio, 2013) ou por recomendações das próprias jogadoras quando há excesso e jogadas bruscas desses jogadores: “*nossa, com uma bicuda dessas você pode tá querendo me afundar dentro do gol*” (Entrevista Elen, 2013).

Para as jogadoras, a maneira como os frequentadores as percebiam estava diretamente ligada ao preconceito e/ou à fetichização sexual deles para com elas, como se percebe da fala da Luiza:

[...] tem uma parte que fala: “*nossa, o quê que é isso, joga demais, parabéns*”. Tem uns que já tem preconceito justamente por algumas serem masculinizadas, e tem outros que ficam

olhando pra perna falando: “*puta que pariu que gostosa*”. Tem esses três tipos (Entrevista Luiza, 2013).

À respeito dessa percepção e olhar dos frequentadores, Fábio, que é um dos frequentadores dos jogos, relata que:

Os caras acham até uma diversão mesmo ver a mulherada jogando bola. Tem uns que ficam “ô gostosa”. Eu até achei que vocês pararam de vim aquele tempo por causa disso e falei pros caras pegarem mais leve e tal, que tem que respeitar (Entrevista Fábio, 2013).

Verifica-se na manifestação do entrevistado que “o jogo da mulherada” é motivo de diversão, mas há a expressão do desejo sexual evidenciado. Assim, também em entrevistas com os frequentadores, pôde-se perceber que as jogadoras eram consideradas de “companheiras de jogo a corpos desejáveis”, de modo que os estereótipos do feminino e masculino eram reforçados a todo momento, cujas mulheres que se encaixavam no padrão de feminilidade, para os frequentadores, eram corpos desejáveis, e as mulheres que tinham características denominadas como masculinas eram consideradas companheiras de jogo, vejamos a fala da entrevistada:

Ah, já ouvi piada demais... Se eu ouvia quando eu estava perto, imagina quando a gente tava longe. Não por conta do futebol, mas por conta de presenças específicas. A que lembro de ouvir, foi a ver da Diana (*Mas por quê? Por que você acha que acontecia?*) Porque ela era mais masculina e por conta da caracterização e do somatotipo dela, mas também por causa do jeito dela (risos) fazia gol e saía pulando na grade, saía pulando... como eu posso dizer, fazia barra na trave do gol, ela conseguia fazer o que maioria dos homens ali não conseguiam fazer. (*E com relação as mais femininas?*) Ali você via muito... quando a gente ganhava, os caras ficavam, nossa, que menina bonita, arruma ela pra mim.. aí eu *falava*: cara.. mas.. num tem jeito (risos) (Entrevista Elen, 2013).

A manifestação contribui para mostrar que perante o universo masculino há uma caracterização pautada no estereótipo de homem



e mulher, assim a jogadora que melhor joga, por ter jeito de homem, é classificada como “mais masculina”. De outro lado, as jogadoras femininas eram admiradas pelos frequentadores do campo de futebol, a ponto de despertarem interesse para relacionamentos futuros. A entrevistada ainda registra que as piadinhas de mau gosto eram relacionadas a pessoas específicas devido à estrutura corporal e comportamento masculinizados de algumas jogadoras.

A jogadora relata ser uma mulher masculina homossexual e que o seu ciclo de amizade se dá com mulheres mais femininas e que isso causava estranhamento nas pessoas por onde passava com suas amigas:

Eu sempre saí com as meninas mais femininas e sempre rolou um estranhamento visual. Eu tava com as meninas, to no coletivo, não tem situações de preocupação, mas sempre tinha o estranhamento visual, sempre tinha o encarar (Entrevista Elen, 2013).

Durante muitos anos, a história das mulheres foi contada através da percepção de sujeitos que as compreendem como submissas, frágeis, delicadas, e sem autonomia, vinculando como desviantes tudo e todas que fugissem a essa norma de como “ser mulher”. Essa caracterização de anormais e desviantes se faz presente no teste de feminilidade destinado a mulheres que têm desempenhos semelhantes aos dos homens. Segundo Devide (2005, p. 45, grifos do autor):

Quando as mulheres começaram a se sobressair no esporte de alto nível, tendo sua identidade sexual questionada – “a mulher atleta de alto nível torna-se “homem”, o que fez, inclusive, com que houvesse a demanda pelo teste de feminilidade, que levanta a suspeita: se é bem-sucedida”.

Pois, as suspeitas quanto ao gênero dessas mulheres e os rótulos por elas recebidos contribuem para reforçar os padrões heterocisnormativos, gerando-se mais discriminação às mulheres jogadoras de futebol. Outras manifestações vão na mesma direção tomada pela de Elen (Entrevista Fabiana, 2013),

dessa vez, as entrevistas Fabiana e Lorena, respectivamente, relatam:

Quando eu era criança as pessoas perguntavam se era homem, essas coisas” (Entrevista Fabiana, 2013).

Já demais. Já muito. (Quais eram os comentários mais frequentes?) Eu sempre joguei bola na escola, e sempre joguei com os meninos porque as meninas eu achava que não sabiam jogar, porque eu jogava melhor do que elas, modéstia parte, aí eu jogava bola com os meninos, então rolava apelido tipo: “ah Maria João, você joga igual menino...”, esse tipo de comparação. Porque eu sempre joguei futebol, lembro de jogar na terceira série, tipo 8 anos a gente jogava bola no recreio, bola não, pitchula, garrafinha de pitchula (Entrevista Lorena, 2013).

Compreende-se com base nessas manifestações, que a sociedade no afã para a definição de rótulos, estabelece um modelo a ser seguido e estigmatiza aqueles (as) que não o seguem, como nos casos evidenciados. Segundo Goffman (2015, p. 11) o termo estigma foi criado na antiguidade pelos gregos para se referirem a “sinais corporais como os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava”. No entanto, é possível enfatizar que esse padrão heterocisnormativo se faz tão presente e impregnado nas mentes dos indivíduos que mesmo as mulheres jogadoras – ainda que de forma jocosa – se investem desse tipo de discurso no jogo de futebol. Além disso, a relação estabelecida culturalmente entre as mulheres que jogam bem o futebol e o desvio ou subversão da ordem, presente no relato das jogadoras e dos frequentadores, demonstra a existência de preconceito, somando-se ao discurso hegemônico da dominação masculina de que existe esporte para homem e esporte para mulher ou que as mulheres não podem jogar bem o futebol. O estereótipo que marca jogadoras de futebol como masculinas e, conseqüentemente, como homossexuais marginalizaram/marginalizam essas mulheres.

Com relação à construção das identidades dessas jogadoras, em praticamente todos os



relatos, com exceção da Elen (Entrevista Elen, 2013), evidenciou-se que as mulheres jogadoras buscam atender a um padrão heterocisnormativo, ainda que não sejam heterossexuais. Esse atendimento ao padrão contribui para mostrar que a construção da identidade de gênero se perfaz também com base no olhar do outros. Isso pode favorecer que elas se assumam por vezes como mulherzinhas, outras como periguetes e até certo ponto como sapatões, ainda que a conformação de suas orientações não atendam obrigatoriamente a esses papéis sociais desempenhados em campo. Com isso, pode-se afirmar que os papéis encontrados em campo apontam para a afirmação de que as identidades das jogadoras são não-fixas, compreendendo a ideia de flexibilidade ou volatilidade da identificação como aponta Hall (2011). Ressaltamos que foram encontradas identidades que transitavam entre o feminino e o masculino, ou identidades que se autorreferenciavam como predominantemente masculinas, mas ora femininas; ou predominantemente femininas, mas ora masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo objetivou compreender como as jogadoras de futebol como lazer do espaço *Brazil Escola de Futebol* se percebiam no que diz respeito às suas identificações de gênero e ainda investigar como os frequentadores desse espaço interpretavam as representações de gênero das interlocutoras desta pesquisa.

Embora o Brasil seja considerado o “país do futebol”, sabemos que vivemos em um país cuja cultura é pautada na heterocisnormatividade, que “naturaliza” as construções socioculturais e marginaliza aqueles e aquelas que não seguem as normas estabelecidas pela sociedade. O padrão cultural da heterocisnormatividade e a cultura patriarcal demarcam as desigualdades entre homens e mulheres, “justificando”, através da biologia, a inferioridade das mulheres frente aos homens. Isso as colocam como o “sexo frágil” no qual a delicadeza, a sensibilidade e a feminilidade são características “natas” dessas mulheres, assim como a força, a destreza, a

coragem e a masculinidade são características dos homens.

Nesse sentido, o estudo mostrou como as interlocutoras ocupam um lugar que se faz presente no imaginário social como “masculino”. Notadamente, a inserção das mulheres no espaço do campo de futebol constitui um aspecto importante a ser considerado na quebra de padrões vigentes. No entanto, os (as) interlocutores (as) dessa pesquisa relacionaram as identificações de gênero às indumentárias, à orientação sexual, à maneira de andar e agir, assim como à estrutura muscular das jogadoras, de modo que os comentários estavam direcionados de maneira preconceituosa e machista, ou através das relações jocosas entre as jogadoras, assumindo-se autorreferências ligadas aos “dois grandes modelos de identidade de gênero” (GROSSI, 1998, p. 12), a saber: masculino e feminino.

Constatou-se que tanto as próprias jogadoras quanto os frequentadores, dois grupos pesquisados, constroem suas identidades consoante um padrão heterocisnormativo. Assim, o preconceito e a discriminação de gênero estão diretamente relacionados às representações das jogadoras, inferindo-se tratar de uma espécie de proteção à fuga do padrão socialmente estabelecido por elas, visto que algumas são homossexuais e mesmo assim acatam o que é convencionalmente aceito, como roupas, acessórios, tudo relacionado à feminilidade para poder serem aceitas no grupo e na sociedade.

Com efeito, as jogadoras que se identificam com o gênero feminino relataram não sofrerem preconceito. Em contrapartida, as jogadoras que se disseram se sentir masculinas, relataram ter sofrido preconceito, independente da orientação sexual. Não encontrou-se em campo jogadoras cujas identidades fossem fixas, pelo contrário, identificou-se identidades que transitavam entre o feminino e o masculino, ou identidades que se autorreferenciavam como predominantemente masculinas, mas ora femininas; ou predominantemente femininas, mas ora masculina.

Por fim, consideramos que dar voz aqueles e aquelas que foram silenciados por anos é uma tarefa necessária para que a realidade escondida



pelos interesses dominantes seja retratada com fidelidade. Desse modo, esse trabalho objetivou dar voz a essas mulheres nesta pesquisa que

usam um espaço tido socialmente como um lugar para homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA JUNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. **Ciências humanas em revista**, v. 3, n. 2, p. dez., 2005.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **A educação do corpo na sociedade do capital**. Curitiba, PR: Appris, 2013.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória, ES: Centro de Educação Física e Desportos da UFES, 1997.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflitos no Brasil. **MANA**, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GROSSI, Mirim Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia de primeira mão**. Florianópolis, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MARCASSA, Luciana. As faces do lazer: categorias necessárias à sua compreensão. Anais Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13, 2003, Caxambú, MG, 2003.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmem. "Programa de mulher". In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). Nova história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Brasília, DF: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 1988.

OLIVEIRA, Valleria Araujo de. **Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (des) construindo o que é "ser mulher" no campo de futebol**. 2014. 184f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2014.

RIAL, Carmen. **Futebol praticado por mulheres no Brasil: paradoxo do doxa**. Goethe-Institut Brasilien, 2012.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1989.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.



WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Dados do primeiro autor:

Email: valleria.a.oliveira@gmail.com

Endereço: Rua c-31, 542, Jardim América, Goiânia, GO, CEP 74265-210, Brasil

Recebido em: 16/06/2018

Aprovado em: 12/07/2018

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, Valleria Araujo de; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de. Representações e identidades de gênero: "ser mulher" no campo de futebol. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 02, p. 100-109, mai./ ago., 2018.